


TAXA PAGA
 PORTUGAL
 CONTRATO: 536425

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
 AUTORIZADO A CIRCULAR
 EM INVÓLUCRO FECHADO
 DE PLÁSTICO OU PAPEL
 PODE ABRIR-SE PARA
 VERIFICAÇÃO POSTAL
 DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 9 de Março de 2013 • Ano LXX • N.º 1800 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



DA NOSSA VIDA Padre Júlio

Valores que não se pagam

COMO é hábito em número de aniversário, O GAIATO dá aos seus leitores a palavra, para exprimirem o que lhes vai na alma quando com ele se encontram.

Os valores da alma não se pagam, são outra ordem de valores, que perdura até ao Tempo sem tempo.

O GAIATO inclui-se nestes valores, e se fala e mexe nos valores precívalis é porque por estes quer atrair aqueles. Ele aprendeu do Mestre o conselho de que é com aquilo que não é nosso que obtemos o que nos está prometido, é com o vil dinheiro que se conquistam os amigos que nos hão-de receber nas moradas eternas.

No gesto de uma mão que dá, está escondida a motivação por que o faz. Este gesto atinge o seu alcance pleno, quando a motivação que o provoca é um Acto de Fé em Deus, Senhor do presente, do passado e do futuro.

Embora não seja perceptível no imediato, a iniciativa de dar não tem a sua origem naquele que dá mas é o reflexo de um sentimento de gratidão, que nasce no seu coração, e se expande para os outros. Percebemos nas palavras dos nossos leitores a fonte de onde elas jorram, que se reflectem em dádivas seguindo o citado conselho do Mestre. Tantas vezes ainda, descobrimos nelas o óbulo da viúva do Evangelho, presente em ofertas singelas e humildes, que nos enchem a nós a alma e nos fazem sentir eficazmente protegidos.

Neste espírito O GAIATO nasceu, tem vivido e continuará, porque nele encontra a sua verdadeira riqueza. Esta confiança adquire, a partir de agora, uma nova forma de expressão no que diz respeito

ao preço de capa do Jornal, a qual sem alterar o espírito, muda, no entanto, a letra: No cabeçalho d'O GAIATO onde constava Preço e o respectivo valor, passa a constar Jornal de Distribuição Gratuita.

A relação entre o Leitor e o Jornal não se altera, porque se mantêm as razões do encontro entre ambos, sendo a primeira premissa da assinatura d'O GAIATO, a condição de o ler. Tudo o resto é, como sempre foi, consequência da «generosidade espontânea de cada um», que resulta da vida que o espírito do Jornal comunica e chama a praticar em favor dos Pobres, no seio dos quais foi gerado.

Por esta pequena alteração na forma, sentimos uma mais perfeita relação com os nossos Assinantes e Amigos, a que a legislação aplicável ajudou, permitindo-nos expressar na letra o que já vivíamos no espírito: «Que a tua mão esquerda não saiba o que fez a direita». É a vida escondida, que o Mestre continua a viver entre nós. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES Padre Acílio

FOI uma tarde feliz, esta que gozei, há dias, no amplo jardim da Casa, o qual quase sempre se transforma na sala de visitas.

Um vicentino trouxe o seu Pároco a falar comigo, por causa de uma família pobre, a precisar de ajuda para a sua casinha!

Pareceu-me recuar no tempo, pelo menos cinquenta anos!, e olhei para os meus visitantes como se lesse um documento do Vaticano II!

A pobre já me tinha vindo pedir ajuda. Eu podia ter-lha dado, mas não me era possível, naquele momento, ir ver e confirmar a sua necessidade. Então!? Seguindo as luzes daquele Concílio que se atreveu a olhar para o Evangelho, retorqui-lhe: — *Vá ter com o seu pároco e ele que me ponha a situação.* Foi o que ela fez e, daí este resultado que me inundou de alegria! Um Padre vir ao Património dos Pobres pedir ajuda para socorrer os seus Pobres! É voltar, de novo, às fontes! Deus queira! Deus permita! Deus ajude! «Cada paróquia cuide dos seus Pobres».

Esta é a forma mais simples e eficaz de desinstalar uma Comunidade: pregar-lhes os Pobres!... e fazê-lo com a autoridade de quem é pobre, porque já deu tudo o que tinha.

Sim, porque falar dos Pobres sem o ser, é o mesmo que tirar o sumo à fruta e dar só a casca. Não resulta. Ninguém se sente tocado e as palavras voam como o vento, arrastando apenas as folhas secas, não derrubando as árvores.

Acompanhado do vicentino, este jovem sacerdote já tinha visitado a família, tirado a medida ao tecto e vinha cheio de luz. Até a Casa do Gaiato lhe pareceu mais bonita e da sua boca saltavam achas incandescentes, palavras que eu nunca tinha ouvido na sua boca: — *Os nossos Padres deviam conhecer a Casa do Gaiato. Vir aqui... Ver!...*

O vicentino — um homem apaixonado pelos pobres — exultava de júbilo ao ouvir o seu pastor falar assim, lançando-me um olhar cheio de brilho!

Fomos logo ao armazém encomendar chapas com sanduiche de poliuretano, capazes de abrigar não só a chuva, mas, também, de isolar o frio e o calor, para ser tecto daquela família.

PENSAMENTO

Esta coluna de amor conta, por conseguinte, com a simpatia de quem nos lê e espera uma migalhinha mensal, coisa que não faça falta a ninguém e que remedeie uma situação insolúvel, se a deixarmos nas mãos de quem nada pode fazer.

PAI AMÉRICO
in Pão dos Pobres, 1.º Vol.

- *Sim.* — Continuou ufanamente o mesmo Padre.
- *Telefone-me que eu quero estar à descarga.*
- Um Padre a acudir aos Pobres — mais recebe, não só a bênção de Deus, mas, também, se reveste de verdadeira e real autoridade para pregar a palavra do Senhor.
- Retornados do armazém, esperava-me outra família.
- *Padre olhe que a minha casa é um lago, chove por toda a parte.*
- Sem respirar disse comigo: — *Então?! Venho de uma e meto-me logo noutra? Não. Evito escutar-me a mim próprio.*
- Pedi ao vicentino que me acompanhasse.
- *Vamos já ver* —, respirei.

Continua na página 4

MOÇAMBIQUE Padre Zé Maria

NÃO sei por onde começar nem como acabar. O espaço é pouco e o tempo ainda menos. Fui, quatro dias, à cidade à procura de ajudas. Algum veio, mas esfumou-se. Nestes dois meses do ano, por iniciativa própria só o que me deram em Portugal. Outro está prometido, mas estamos quase esganados. O fim do mês está a chegar. Andamos em negociação com o Instituto de Segurança Social, porque faltam sete mil euros. Nem vale a pena dizer mais.

Estamos, finalmente, a remodelar a Casa grande do refeitório e cozinha. Foi preciso desistir de algumas melhorias e diminuir outras para caber no subsídio que nos concedeu o Ministério da Solidariedade e Segurança Social de Portugal. Há gente que se oferece para vir ajudar, mas nem tempo temos de ler os relatórios e os propósitos que os trazem cá e temos de os deixar de lado. Muito menos dinheiro para passagens.

Mas a Casa está cheia de vida. É difícil conter os Rapazes. Estão a sair alguns para estudos profissionalizantes. Não há mãos a medir para atender os pedidos. Mas um está à espera do diploma final, há dois anos, e a burocracia e as reuniões dos responsáveis (é um Instituto do Estado) não deu tempo para isso. Podemos avaliar o espírito do deixa andar que está por detrás. Institutos há muitos, mais caros e não há com que pagar.

Colheitas de horta, poucas além do necessário para Casa. Pintos, mais de dois mil, estamos a vender todos os meses, leitões poucos, vitelos ainda nem começaram a nascer. Pasto não falta, este ano. Falta milho porque o povo semeou na primeira chuva e já passados dois meses choveu aqui, quando tudo estava perdido. Em Maputo foram estragos nas ruas que não vão ser reparadas tão cedo. Chego da cidade ao fim do dia com o corpo moído.

A oração faz o fundamento da nossa vida. Sem ela afundamos. Lenta para entender-se, acentuada para dinamizar a alma, cuidada, para não ser tempo perdido. Deus sabe, mas quer ouvir. E nós temos de saber o que pedimos, o que é importante, o que é do Seu agrado. Só assim seremos acolhidos. Sabemos que Ele não falta. A demora é uma exigência secreta do seu Amor por nós, que nos martiriza antes de chegar ao topo. É assim que os Rapazes nos acompanham e nos encorajamos. Estamos juntos. É, afinal, a vida de tantos que podem ou não ter Fé. Não interessa julgar. Deus sabe fazê-lo. A nós cabe, vivê-lo. Foi como Homem que morreu por nós e deixou-nos o exemplo, até à última gota. Nunca nem ninguém será mais Homem do que Ele. Apesar dos vislumbres que os Apóstolos viram, mas não entenderam, como no Evangelho de hoje. Só depois.

O GAIATO tem sido altar de sacrifícios para vidas sem valor ou escondidas aos nossos olhos. Ai se não fosse O GAIATO, tanto nunca seria feito com tanto amor escondido, como Deus gosta. □

COLABORAÇÃO

NOTA DA REDACÇÃO — Este aniversário do nosso Jornal acontece num tempo em que o nosso País, e o mundo, enfrentam grandes riscos sociais.

Por mais progresso material que Portugal e o mundo possam ter vindo a conseguir, a pobreza e a exclusão social não desaparecem, bem pelo contrário. O empenhamento solidário de cada um de nós é preciso, mas não chega, pois é preciso um empenhamento colectivo que passa por instituições como as Casas do Gaiato e outras. Estas, não se mantêm com umas pessoas quaisquer. Não é qualquer um que se disponibiliza para ser Padre de uma Casa do Gaiato e que consegue dedicar a isso a sua vida toda. Infelizmente também são muito poucos os leigos que foram, ou são, verdadeiros “obreiros” nas nossas Casas do Gaiato, dedicando a elas a sua vida toda, só por serviço aos Rapazes e sem intuídos de interesse pessoal.

Padres da Obra e “obreiros” sozinhos, também não conseguiriam manter de pé as nossas Casas. Os nossos Leitores e demais pessoas que nos conhecem e ajudam, são a outra trave mestra que nos mantém de pé, numa situação quase de excepção em Portugal, porque nos tem permitido sermos autónomos face a financiamentos públicos. Queremos continuar a merecer essa confiança. Somos uma “porta aberta”. Podem vir a qualquer hora e em qualquer dia para saber o que andamos a fazer, mas quem vier que venha por bem, que não se esqueça que, para lá de todas as fragilidades do ser humano, isto de ser Padre e verdadeiro “obreiro” nas nossas Casas do Gaiato não é coisa de umas horas, ou de uns dias. É coisa de uma vida toda, vinte e quatro horas por dia.

Os testemunhos dos nossos Leitores, dos quais aqui apresentamos uma amostra, são o sinal desse empenhamento colectivo e permanente na construção do Bem Comum de que as nossas Casas do Gaiato vivem e do qual o País e o mundo tanto precisam.

Américo Mendes

«Ler O GAIATO é, para mim, uma felicidade interior indescritível, porque em cada artigo vejo Deus e a Sua vontade através das vossas palavras e actos.

O GAIATO é a Bíblia, é o Novo Testamento na sua expressão mais pura, porque nos mostra, indubitavelmente, como Deus quer que vivamos, centrados no Seu Amor pela Humanidade. O exemplo que nos dão, é tão tocante, tão envolvente que faz chorar de alegria, de tristeza, de preocupação, de inquietação — e o Amor pelo ‘Próximo’ vai crescendo na Fé e no desejo de, cada vez mais, me aproximar de Deus, por pensamentos, orações e actos...!

Leio e releio O GAIATO e, depois, passo-o para que mais alguém o leia. Falo da Obra da Rua, incito a que se tornem assinantes, não sei se o fazem, mas, pelo menos, fica-me a certeza de que, um dia, não poderão dizer: ‘eu não sabia!’

Agradeço do fundo da alma todo o bem que nos fazem, tudo o que nos dão — a todos!

Assinante 67200»

«Adoro ler O GAIATO. Comovo-me com algumas histórias verídicas, mas se estou triste e cansada pelos meus problemas, fico mais aliviada. Comparo a minha vida com a de muitas outras pessoas e acabo por pensar que choro com mimo. Será?!

Assinante 28533»

«O GAIATO traz, até nós, exemplos de uma pedagogia ímpar na valorização, enriquecimento e criação de Homens. Parabéns pela lucidez do vosso Amor!

Assinante 50037»

«Com cristãs saudações e cumprimentos, segue a migalhinha a favor da cristianíssima Obra que, pontualmente, me envia a cristã espiritualidade que se respira e sente ao ler e reler O GAIATO.

Assinante 20155»

«O Famoso é o meu Jornal de mesa de cabeceira. Por ele vou acompanhando a vossa maravilhosa Obra e, pela riqueza singela dos seus textos, sou levado a meditar sobre o que na vida é essencial. Por outras palavras, O



Gaiato

GAIATO é o caminho para eu me chegar mais perto do Pai. Não tenho palavras que traduzam o conforto espiritual que me proporciona ao tomar conhecimento do dia-a-dia em cada Casa da Obra. Por tudo isto, dou Graças ao Pai por ainda na minha juventude — já lá vão cinquenta anos! — me ter dado o privilégio de começar a conhecer a Obra, em Miranda do Corvo, onde ainda tive a alegria de colaborar com o saudoso Padre Horácio.

Assinante 19009»

«A minha admiração por todos vós é infinita. Cada O GAIATO é um manancial de ensinamentos e de amor. Está a concretizar-se o desejo de Pai Américo: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. A bênção de Deus para todos.

Assinante 22624»

«O GAIATO é sempre uma lufada de ar fresco no sufoco da vida, tão perturbada pelos problemas de cada dia. Que a vossa coragem e exemplo de vida nos dêem alento.

Assinante 70198»

«A pedido do meu marido, que se encontra doente, junto cheque para pagamento da assinatura do ‘melhor Jornal do mundo’, pedindo desculpa pelo atraso.

Assinante 28951»

«Começo por dizer que admiro muito a vossa Obra e que tenho muito gosto em receber O GAIATO. Nunca me esqueço que quando comecei a ‘assinar’ me disseram: ‘A melhor contribuição é lê-lo!’ Sim, foi a melhor contribuição, mas para mim, porque a sua leitura me aproxima do verdadeiro Deus e dos meus irmãos.

Assinante 75088»

«Junto envio para a assinatura d’O GAIATO, a quem essa importância não paga uma linha... Não tem preço e agradecer-vos o Bem que nos têm feito.

Assinante 78063»

«Pretendo saldar a minha conta com O GAIATO, apesar de quem o lia já ter falecido. (...) O GAIATO traz palavras cravejadas de muitos espinhos, mas que dão alento... Que muitos ‘pescadores de almas’ advenham da vossa Obra, e se convertam muitos dos que não ouvem a palavra de Deus nem ajudam os mais necessitados. Muito Obrigado pela vossa existência, propósitos e ajudas — que tanto precisamos surjam neste mundo pequeno e mesquinho.

Assinante 61171»

«Os meus Pais eram grandes admiradores do Padre Américo e desde criança que leio O GAIATO, que foi, certamente, um factor positivo na minha formação. Aprecio que mantenham, para além do conteúdo em doutrina e valores que defendem, o estilo e formato que nesta sociedade tão volúvel chamam a atenção para a continuidade dessa grande Obra.

Assinante 13128»

«Mais uma vez, os meus parabéns pelos maravilhosos escritos no Famoso, do qual, alguns, recorto para mais tarde serem relidos, pela sua qualidade intemporal.

Assinante 71685»

«Com um abraço de gratidão e respeito pelo vosso trabalho, uma ‘migalha’ para a assinatura do nosso Jornal — grito profundo no mundo cego e surdo em que vivemos. Bem-hajam!

Assinante 75462»

TESTEMUNHA DO EVANGELHO

«É com muito gosto, que eu e a minha amiga Aida, tentamos dar uma pequenina ajuda. Essa ajuda, mais em nosso benefício do que propriamente vosso, constitui em partilhar o Famoso e a Obra da Rua com alguns amigos, de forma a que a mensagem de Pai Américo chegue a mais lares e, por isso, seja irradiada mais Luz do Evangelho através dos Ideais de um santo.

Agradeço por todos os vossos ensinamentos na ‘arte de viver’ e um bem-haja para essa extraordinária Obra, sem igual.

Assinante 58630»

«Deus vos ajude a prosseguir a missão. O Evangelho só se entende com testemunhos que vós dais ao mundo.

Assinante 18478»

«Aproveito a oportunidade para regularizar a minha assinatura d’O GAIATO, que é a continuação dos Actos dos Apóstolos.

Assinante 59584»

«Envio a anuidade para O GAIATO, que têm a delicadeza de me enviar e que, para mim, tem um valor incalculável. Além da lição do Evangelho que me mostram, é o que fazem no terreno pelos meus irmãos mais desfavorecidos. Por tudo, muito obrigada. Não poderei fazer tudo o que gostaria de fazer, mas digo-vos que sois a Obra do meu coração, por tudo o que fazem em favor do semelhante mais desprotegido.

Assinante 24770»

FOGO QUE SE ESPALHA

«De repente tive um reflexo! Tenho de enviar o cheque para O GAIATO! Pego no Jornal para extrair a morada e deparo-me com o artigo Património dos Pobres. Pertencço a uma Conferência, no papel. Já não sou vicentina,

embora em espírito me considere, porque, pela idade e pelas exigências burocráticas, extinguímos a Conferência feminina, e ficou, apenas, uma visita na qual colaboro.

Luto pela visita domiciliária, porque esta Conferência criou as

tais estruturas, mas acabou com as visitas. Este artigo foi pertinente, mas não considero que foi por acaso. Eu acredito que tudo isto são sinais de Deus. Levo-o, logo, para ser lido na Conferência...

Assinante 41186»

DESPERTAR CONSCIÊNCIAS

«Abençoados sejais pelos “socos” que dão no meu coração e na minha alma, sempre que leio O GAIATO. Fico extremamente abalada, mas muito frustrada porque eles não são suficientes para me libertar do egoísmo de que estou imbuída. Bem peço a Deus que me ajude a libertar-me deste pecado, mas não mereço ser ouvida, ou sou tentada acima das minhas forças. Peçam-Lhe por mim, rogo-vos.

Assinante 83273 »

«Todas as vezes que chega O GAIATO, leio-o como um momento de oração. A sua leitura abana-me e faz-me mais pensar no meu próximo! Bem-haja por este abanão!

Assinante 60658»

«Que O GAIATO continue a inquietar muitos católicos ainda adormecidos e, também, a nossa Santa Igreja. Que Deus vos ilumine e proteja.

Assinante 20522»

«Faço do vosso Jornal a minha propaganda eleitoral, na medida em que o faço conhecer, à vossa palavra evangélica e à acção continuada da Obra, no espírito do querido Pai Américo.

Assinante 21374»

«O GAIATO é contagiante na prática do Bem e os seus artigos anunciam a prática da Boa Nova de Jesus. Bem-hajam.

Assinante 81171»

Tiragem média d’O GAIATO, por edição, no mês de Fevereiro, 41.250 exemplares

DOS LEITORES

OBRA DA RUA

«Como já vos disse várias vezes, a *Obra da Rua* é a menina dos meus olhos e tomara poder acudir melhor às tremendas situações, que são 'dores de cabeça...' e muito tormento trazem ao meu coração. Acresce, ainda, o desgosto pela pouca ressonância que a *Casa do Gaiato* provoca, quer nos poderes públicos quer nos meios de Comunicação Social, que se comportam como se ela não existisse, como se a sua gigantesca acção não servisse, tantas vezes, para tirar o Pobre do desespero e da penúria. Mas Deus é grande e algum dia virá em que estes 'palacianos' da solidariedade lhe farão justiça. Espero, apesar dos meus 77 anos...

Assinante 31624»

«Sinto imensa tristeza pelo não aproveitamento total das vossas capacidades para formar cidadãos íntegros e responsáveis, que tão necessários a este País se tornam, dada a tão baixa qualidade na formação da personalidade

Assinante 29146»

das nossas crianças e jovens — que começa no seio da própria família e continua na escola. O Padre Américo, pela sua personalidade e empenho na formação de homens íntegros, merecia outro respeito pelas pessoas que governam este País...

Assinante 29977»

«Com a minha admiração e estima de sempre pela vossa *Obra*, faço o envio de uma pequena 'migalha', para o tanto 'pão' que tendes que distribuir — tendo como medida o Evangelho de Jesus Cristo e o testemunho do Padre Américo.

Autêntico 'presépio vivo', onde os 'figurantes' vivem dramas reais, a *Obra da Rua* é um exemplo de fidelidade ao próximo e a Jesus.

Assinante 29146»

«Não encontro as palavras certas para exprimir o sentimento que a vossa *Obra* produz em mim. Queria ter a linguagem das flores que, no silêncio da madrugada,

Assinante 29146»

desabrocham ao sol da manhã em abundância de cor e perfume que encanta e inebria quem delas se aproxima... Simplesmente, muito obrigada.

Assinante 61413»

«Pena que não seja reconhecida a *Obra da Rua* como pioneira e única capaz de fazer 'homens' dos rapazes da rua.

Assinante 73422»

«Tenho a maior admiração pelo vossa forma de educar os Rapazes, dando-lhes hábitos de trabalho. Sem essa qualidade, não se chega a lugar nenhum. E é por esse motivo que a *Obra da Rua* é a única em que ainda acredito.

Assinante 30935»

«É admirável a abnegação dos Padres da Rua, que não têm férias e vivem 365 dias por ano para os Rapazes. Não conheço *Obra* assim... Só com o auxílio Divino é que se pode explicar.

Assinante 58098»

FIDELIDADE

«Dada a minha incapacidade de leitura, devido aos meus 87 anos, sou obrigado a interromper a minha assinatura do precioso *O GAIATO*, ao qual devo boa parte da minha formação humana, desde a bem longínqua juventude.

Assinante 63849»

«Os meus cumprimentos e agradecimentos a todos os que na *Obra da Rua* se entregam com amor, empolgados de força e coragem, seguindo o caminho da Luz, aberto pelo 'nosso' Pai Américo! Que o Pai vos continue a empurrar... Muito obrigado a vocês que me ajudam a compreender melhor o mundo, nesta fase terminal da vida, através da minha lupa, lendo *O GAIATO*.

Assinante 57028»

«É sempre com emoção que vos escrevo uma notazinha de ternura pra vos enviar a costurada lembrança. E que dizer da leitura d'*O GAIATO*? Nunca, ao longo destes anos todos e já lá vão mais de 50, talvez 60, deixei de o ler e a emoção permanece. Tem-me ajudado a ser mais compreensiva e humana.

Assinante 11331»

«Em nome de minha Mãe, de avançada idade e já sem poder escrever, venho enviar cheque para as assinaturas d'*O GAIATO* que ela sempre fez questão de pagar às três filhas.

Apesar dos 96 anos já a tornarem muito esquecida de algumas coisas, foi ela que me recordou que ainda não tinha enviado o costume para a *Casa do Gaiato*.

Assinante 11331»

Aproveito para vos felicitar pela vossa *Obra* e confesso que *O GAIATO* é o único jornal que leio do princípio ao fim.

Assinante 40370»

«Sou uma desconhecida, embora assinante d'*O GAIATO* há muitos, muitos anos — desde a minha juventude até à velhice de hoje (84 anos).

Tenho oferecido a assinatura a alguns amigos, mas não é esse o principal motivo porque escrevo. Hoje, quero pedir a assinatura para a minha Filha. Ficarei eu responsável. A minha Filha é também uma grande admiradora da *Obra* do querido Pai Américo. E desejo também que os meus netos tomem contacto, desde já, convosco.

Assinante 14463»

FOME E SEDE DE JUSTIÇA

«Mais um *Jornal d'O GAIATO*, que se lê com avidez e nos sensibiliza profundamente. Mais um Natal que se aproxima e que para muitos (infelizmente cada vez mais) não será 'Noite Feliz'. Por isso, mais atentos devemos ficar e mais obrigação temos de partilhar. Assim, anexo a minha contribuição, que espero alivie alguma situação, cá e em África. Mas, sobretudo, quero manifestar-vos a minha enorme admiração e elevado respeito, pelo trabalho que desenvolvem e pelo Amor que distribuem.

Assinante 63845»

«É com alegria que concretizo o pedido do Padre José Maria — Maputo, Moçambique. Trabalhei dois anos na barragem de Cahora Bassa. Estive seis meses desempregado em Maputo e trabalhei um ano na Companhia da Zambézia, no concelho de Maganja da Costa. Voltei, depois, em 1974, apenas com a roupa.

Assinante 31858»

COMUNHÃO

«'Num só coração e numa só alma', junto cheque para as vossas necessidades mais prementes (não esquecendo da assinatura d'*O GAIATO*!).

Assinante 30854»

«Meus irmãos em Família. Há tantos anos que eu sou vossa e vivo convosco. Muito gosto de ler *O GAIATO*. Leio-o com o coração nas mãos, cheia de dor por ver tanta miséria neste mundo, tanta escravidão... Que Deus, Nosso Senhor, tenha compaixão

LEGENDAS

«Continuo a ler com devoção o *Famoso*, fonte de vida e amor.

Assinante 13747»

«Que a vossa *Obra* frutifique e que a semente lançada à terra vingue para sempre.

Assinante 79951»

«Agradeço a visita quinzenal d'*O GAIATO*. Que a Palavra não deixe de ser proclamada. São verdadeiras setas dirigidas ao nosso coração. Creio que Deus fez tudo perfeito. Bem-hajam.

Assinante 52705»

«(...) Enquanto viver, não esqueço as Casas do Gaiato.

Assinante 30950»

«A bem da maior *Obra* que conheço, as maiores bênçãos do Nosso Bom Deus.

Assinante 6424»

«Abençoados os vossos canteiros, em que o Divino Jardineiro, pela mão de obreiros diligentes, vai fazendo brotar lírios de estimação, das ervas da borda dos caminhos. Bem-hajam todos e seja Deus louvado!

Assinante 42602»

«Que Deus vos ajude, que a vossa *Obra* só pode ser *Obra de Deus*.

Assinante 27588»

«O *GAIATO* faz-me acreditar num mundo melhor e aprendo a viver o Evangelho.

Assinante 7844»

PAI AMÉRICO

«Quatro páginas de conteúdo riquíssimo, que abana as consciências e que desperta a curiosidade de quem não conhece a *Obra* iniciada pelo saudoso Pai Américo. Não sei, talvez por desconhecimento das regras, porque ainda não é considerado santo pela Igreja, se os milagres estão à vista?! O que será preciso fazer mais? Não sei. Apenas sei que é uma injustiça.

Assinante 31166»

«Eu sou pobre, tenho 79 anos, trabalhei na indústria hoteleira e tenho uma pequena história para vos contar, passada nos anos 50.

Trabalhei na firma Alexandre Almeida, no Francfort Hotel, em Lisboa, que existia no Rossio e foi ali que conheci o Padre Américo, pois eu era empregado de mesa e quando ele ia lá, comia no meu turno. Um dia perguntou como eu me chamava, ao dizer-lhe o meu nome, pôs a mão na minha cabeça e disse: 'Deus te abençoe meu filho!', isto ficou-me gravado no coração para sempre e jamais o esquecerei.

Assinante 71091»

«Sempre mando neste mês do seu nascimento (23 de Outubro). Gostei muito da Banda Desenhada. Eu não conhecia a vida de Pai Américo, e como eu muita gente mais... Foi uma boa ideia. Bem-hajam.

Assinante 75059»

«Querido *O GAIATO*, acabo de ler a reedição do livro *Obra da Rua*. Por favor, manda-me um exemplar. Quero ter o gosto de relembrar o Autor e, depois... Depois, dar o livro a um dos meus netos...

Assinante 20613»

de todos nós, em especial pelos que mais sofrem. E certo é que todos sofremos..., mais quem mais ama.

Assinante 24204»

«Temos procurado ser, a nível da paróquia de S. José, a família dos Gaiatos. Desde o Padre Horácio, Padre João e a Padre Manuel, todos encontram, aqui, a sua casa. Mas... não tenho man-

dado nada para o nosso *Jornal*. Junto agora essa pequena importância, não para me pôr em dia, mas como ajuda para as despesas d'*O GAIATO*.

Assinante 69808»

«Pessoalmente não vos conheço, mas pela leitura e reflexão do 'nosso' *O GAIATO*, sinto-me família íntima de todos vós.

Assinante 53757»

BENGUELA

Padre Manuel António

ESTAMOS a celebrar mais um aniversário d'O GAIATO. É um dos ramos mais fecundos da árvore que é a Obra da Rua. A mensagem que Pai Américo, ao longo da sua vida, semeou nos corações, permanece viva e actuante, em muitas partes do mundo, através d'O GAIATO. Por isso, merece todo o cuidado, amor e carinho. Quinzenalmente, dezenas de milhar de pessoas abrem-lhe a porta do seu coração e da sua mente. Quem dera a vida que fecunda este ramo brote da fonte do amor sincero e efectivo. É difícil aceitar e oferecer a vida por amor. Porém, o caminho da salvação pessoal e comunitária não é outro.

Estamos no tempo da Quaresma. É necessário vencer o egoísmo. Assumir uma constante atitude de generosidade desinteressada, é realmente duro. Contudo, está aqui o caminho da verdadeira felicidade. Só a experiência é a fonte de conhecimento desta realidade.

Depois do jantar, os mais pequeninos despedem-se com um beijo cheio de carinho, antes de irem para a cama. Que preço maior pode receber um coração que gastou o seu dia a velar por estes meninos? Esta maravilha, com outras formas, é vivida por todos os corações que não se fecham à generosidade e esquecem os seus próprios interesses, por alguns momentos.

Há dias, chegou-nos a notícia

duma pessoa amiga que desejava ajudar a nossa Casa do Gaiato de Benguela, de vez em quando. Que não era rica, mas queria partilhar connosco o que possuía. Como vivia no estrangeiro, desejava saber o número da conta bancária ou outra via acessível, directamente. Neste momento muito difícil que estamos a viver, é um alívio e uma razão para continuarmos a ter esperança. Algumas dezenas de famílias, com pais e filhos, a viver da nossa ajuda, há mais de vinte anos, não podem sobreviver, se fecharmos o nosso coração por incapacidade. É, sem dúvida, um dos braços mais pesados da nossa cruz. Queremos carregá-lo com o vosso amor, em comunhão com o nosso. Esperamos!

Ontem tivemos mais uma reunião de chefes da nossa Casa. Pai Américo, com uma página do livro *Cantinho dos Rapazes*, deu a palavra de introdução. Dizia: «Que vem a ser a Obra da Rua? É uma grande família que contém em si os elementos para fazer de cada rapaz um homem de bem — se ele quiser. Aquele se é, justamente, o que faz o filho da Obra o homem útil e prestimoso; e sem aquele se, a Obra da Rua não pode fazer nada...»

O dinamismo participativo do projecto educativo que Pai Américo introduziu na primeira Casa do Gaiato, há mais de 73 anos, continua com uma actualidade

impressionante. O próprio filho, com a ajuda dos seus irmãos, tem que adquirir o domínio de si mesmo. De contrário, que espera ele? Este pensamento serviu de base inspiradora para o trabalho dos chefes da comunidade. O serviço que lhes cabe é ajudar os seus irmãos. Não substituí-los. Fazer, eis, em síntese, a sua missão. Não há dúvida, os chefes são as colunas do edifício humano que é cada Casa do Gaiato. Por isso, a ocupação da nossa mente e do nosso coração vai, com prioridade, para este grupo de filhos.

No passado fim de semana, tivemos a visita dum seleccionador de trabalhadores para uma empresa internacional. Juntou um grupo numeroso de rapazes. Mais uma porta da esperança foi aberta. Quem dera alguns dos mais velhos e capazes passem, com bom resultado, nos testes a que vão ser sujeitos. Deste modo, com um rumo seguro para as suas vidas, no presente e no futuro, deixariam a porta aberta para acolher outros filhos da rua, abandonados. É uma realidade de todos os dias. Há momentos, fui chamado por alguém que vinha à procura de lugar para uma criança abandonada.

É o tempo da Quaresma! Quem dera tenhamos força de nos esquecermos de nós mesmos, de não pensar nos próprios interesses, mas só no bem dos nossos irmãos necessitados! Um beijinho dos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela! □

VINDE VER!

Padre Quim

Comunicação, oração e acção

O GAIATO é o rosto da nossa vida, coroada pela oração, que fecunda toda a nossa acção nele comunicada.

«Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom». Fui buscar esta rica nota ao quarto ponto do *Estatuto Editorial d'O GAIATO*, para afinar o tom da melodia com que O GAIATO brinda, quando chega às mãos de quem o aprecia como uma obra de arte, ou como uma moeda válida para a convivência humana-familiar que indica ao mundo o caminho da verdade.

O Famoso, como é conhecido desde sempre — ainda o seu Fundador peregrinava nas ruas da miséria, em busca do pequenino de sorte infeliz, herdeiro da marginalização social, e dos doentes em tugúrios nauseabundos (Acção que lhe mereceu o título de *Recoveiro dos Pobres*.) — sai, mais uma vez, marcado por esta nota especial: O seu aniversário. Ao estado embrionário seguiu-se o nascimento deste valioso e imprescindível meio de comunicação entre os membros desta grande Família da Obra da Rua e não só. Para além de ser um meio de comunicação, o Famoso é um factor de unidade e comunhão entre a família que se encontra dentro de Casa: os rapazes, e a família que nos acompanha a partir de fora, estando presente na nossa vida: amigos, benfeitores e todos os que nos amam e estimam. A simplicidade e o realismo com que comunica a vida activa das Casas do Gaiato, faz dele um instrumento presente, e actualizado. «Ó Beleza tão antiga e tão nova...!», no dizer de Santo Agostinho. Não sai da moda, porque nunca entrou em concorrência com ela e é verdade que, quem não entra não tem necessidade de sair. Entrou foi no coração do seu Fundador, onde nasceu da fome e sede de justiça que consumiu toda a sua vida.

A Verdade é a voz de Deus, e sempre que nele estiver presente, estará de acordo com o modo de comunicar desejado no coração de Pai Américo. O grande atleta das Olimpíadas do amor, cuja canonização lhe foi dada no Céu, onde Deus, Pai dos Pobres, o recebeu. Enquanto os homens se atrasam com papeladas e processos, para o proclamar bem-aventurado, há muito que uma voz se faz ouvir na boca do povo: — *Esta Obra é um autêntico milagre, sinal visível do rosto de Deus no mundo*. «É Família para aqueles que a não tendo não perderam o gosto dela». E que transformação mais construtiva se pode encontrar nas sociedades senão aquela que recupera o tecido humano do *Lixo da Rua*, para o fazer brilhar, depois de passar pelo monte da transfiguração — regressando ao mundo que o abandonou —, para que resplandeça a luz da verdade no pequenino abandonado, no pobre esfomeado e sedento, no miserável sem roupa e sem abrigo, no injustiçado preso e condenado, nos quais o rosto de Deus se revela através de Jesus.

Pai Américo a todos assistiu como bom samaritano e, hoje, a Obra da Rua segue as mesmas pegadas, trilhando os mesmos caminhos de então. Por isso, a conclusão é do Evangelho: «*Vinde benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*».

Parabéns a'O GAIATO. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Flores tenras

O reino de Deus está já entre nós, mesmo que porventura não vejamos a verdadeira vida. Um dos segredos para a encontrar passa por vivê-la com simplicidade e prestar atenção ao que se faz, em cada momento; pois, tudo aquilo a que a pessoa humana se entrega, por amor d'Ele, é importante.

Numa visão de fé, nada é pequeno nem banal. É pois no quotidiano, mesmo escuro, que podemos ver a Luz. O mundo de hoje, como frisou o Papa Bento XVI, está *sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé*.

O universo criado é infinitamente rico que é preciso olhar bem para ele, para as criaturas e para o coração humano, em busca da profundidade da vida, com sentido, num presente e futuro de Deus.

Quando é que O vemos? — *Senhor, quando te vimos com fome e sede, sem roupa...* Assim se procura o rosto de Cristo, em rostos verdadeiros.

Com o tempo a prenunciar Primavera, num Domingo ensolarado, mas a tiritar e com narizitos a pingar, convidou a caminhar pelos campos, feridos pela geada, não para cortar espigas. Pois, é verdade que algumas dezenas de filhos, outrora da rua, já estavam regalados com malgadas de leite e uma benesse de pão quente, gesto tão amigável no dia do Senhor.

Na vastidão e profusão de pétalas campestres, alguns pequenitos

deram largas a uma colheita livre, mas intencional, de flores brancas e amarelas. Quando encontraram uma flor de matiz encarnado, entre reguilas, o veloz Aliú parou e gaguejou: — *Po... posso cortar?* Com um molho delas bem apertado, pelos deditos marotos, despertou-lhe a atenção tal coloração. Naquele instante, também vimos o seu sangue naquela flor... Se, nos jardins, gostamos de as ver bem ligadas à raiz, a crescer, aquela criança acabou por dizer: — *São para a minha mãe, o meu pai...* Embora desconhecido, tem falado nele. Mesmo dito incógnito e ausente, está bem presente na sua mente. Veio com menos anos que os dedos de uma mão, em aflição materna, cuja gradual promoção tem sido uma perturbação e consolação. Não o querendo perder, esse desiderato tem-nos obrigado a mexer, não vá deixar de o ver a pretexto de qualquer poder... O seu meio-irmão, acolhido depois, chegou com sinais de cleptomania. Ser *uma palavra nova* passa também por preferir os mais difíceis. Embora em dias deste adjetivo, quando puder, a mãe deles quer refazer o seu cantinho de tal descaminho. Afinal, é este o dito projecto de vida que todo o passarinho sonha, enquanto ainda não tem asas para deixar o seu ninho.

Passados, para já, e nesta situação, os momentos de maior amargura, continuamos noutras frentes de *combate*, como *procurador de pobres*, fazendo verdadeiros amigos. Assim escreveu, com mestria, o Padre Américo: *É remédio que se*

toma quando a cruz é mais pesada. Alivia. Faz bem à alma.

Depois de medirmos alturas, foi num punhado de agruras, que encontramos a mãe do Nandinho, de sete anitos, cuidando de um casal de idosos, dentro de um andar em S. Vicente de Fora, sendo o ancião dependente. É uma história de vida com enredo duplamente feliz. Encontrando-se à espera de outro rebento, que nestes dias vem à luz, conheceu-os num lar da terceira idade. Sendo delicada, o enfermo acabou por vir para casa, ficando ela a ajudar na lida diária.

Não foi só uma questão de economia, mas também de companhia e alegria pelo regresso dele ao ambiente familiar. Na nossa visita, houve um encontro agradável, pelo bom entrosamento, sem qualquer lamento. Aqui está um bom exemplo do que vem acontecendo como solução para algum desemprego doméstico. No próprio lar, ajudar a cuidar de quem já não pode andar. Não faltam pessoas na solidão e na escuridão, a quem se pode deitar a mão.

Aqueles trapitos de bebé, que colocaram no Presépio desta Casa no último Natal, foram bem acamados em saco transparente, que os embrulhos estorvam, para aconchegar a flor que vai desabrochar nesta Quaresma. *Crescem nas asperezas do caminho pequenas flores brancas de esperança...*

No coração da Boa Nova de Jesus, está o acolhimento também de flores espontâneas e que são postas nas nossas mãos. Afinal, nos tugúrios e nos jardins, Quem vemos e procuramos?... □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Vicentinos, como este, dão força e, eles próprios, são força.

Os pobres conduziram-nos então ao seu tugúrio.

Quem passa na rua não vê nem imagina. Estas habitações, são realidades escondidas que só as encontra quem as procura. Os Pobres acolhem-se onde podem, mas, normalmente, com medo também se escondem.

Alguma vez eu pensei que ali vivesse gente?! Por detrás de prédios, entre um polidesportivo e os referidos edifícios, escondidas, debaixo de pinheiros frondosos, há várias barracas e casas abarracadas onde moram várias famílias e... algumas idosas!... a sofrer o frio, a fome, a imundície e a doença... ocultamente!

Fiquei atordoado. Não contava.

Verdadeiramente, uma barraca onde moram sete pessoas, pais com cinco filhos, uma deficiente. O chão é de alcatifas velhas, mantas e passadeiras colocadas por cima da terra, aqui e ali ensopadas por a água que cai da cobertura, feita também de chapas de zinco, plásticos e contraplacados! Como é possível viver... neste Inverno tão assanhado.

— *Muitas noites, assusta-me o medo que tudo isto caia em cima de nós* —, desabafava a mãe de família a chorar. — *Veja se nos dá chapas para cobrir isto?!*

— *Sim eu vou dar as chapas, mas a barraca precisa de uma estrutura que agarre o coberto para que o vento não vos deixe ainda pior. Em madeira? Em ferro? Vejam lá, arranjam que eu dou-vos as chapas.*

Eu que sou contra as barracas ando agora a consertá-las?!

Eles serão capazes de adquirirem e montarem a necessária estrutura? Tenho de lá voltar!... Para ver melhor com mais atenção sem me perturbar com a tragédia e... friamente, decidir.

Comprei vários andares para os meus rapazes meios destruídos, a preços muito baixos, os quais eles compõem com a nossa ajuda, ficando com uma habitação cómoda e apetecível.

Quem me dera poder fazer o mesmo a estas famílias! E não me torturar com o que eu mais detesto: — *Construir ou consertar barracas!* □